

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

MARIANA SIMEÃO RIBEIRO MOURA

DA DESPATOLOGIZAÇÃO DO NARCISISMO AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO:
EXPLORANDO O MITO DE NARCISO ATRAVÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA
JUNGUIANA

POUSO ALEGRE, MG

2023

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

MARIANA SIMEÃO RIBEIRO MOURA

DA DESPATOLOGIZAÇÃO DO NARCISISMO AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO:
EXPLORANDO O MITO DE NARCISO ATRAVÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA
JUNGUIANA

Monografia apresentada para aprovação no curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Médicas Dr. José Antônio Garcia Coutinho, da Universidade do Vale do Sapucaí; orientada pelo Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves.

POUSO ALEGRE, MG

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Moura, Mariana Simeão Ribeiro.

Da despatologização do narcisismo ao processo de individuação:
explorando o mito de Narciso através da Psicologia Analítica Junguiana/
Mariana Simeão Ribeiro Moura -- Pouso Alegre: Univás, 2023.

50f.:il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -
Universidade do Vale do Sapucaí, 2023.

Orientador: Victor Hugo Sampaio Alves.

1. Narcisismo. 2. Dualidade arquetípica. 3. Despatologização. 4.
Psicologia Analítica Junguiana. I. Título.

CDD – 150.1954

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa
CRB 6-3538

MARIANA SIMEÃO RIBEIRO MOURA

DA DESPATOLOGIZAÇÃO DO NARCISISMO AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO:
EXPLORANDO O MITO DE NARCISO ATRAVÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA
JUNGUIANA

Monografia apresentada para aprovação no curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Médicas Dr. José Antônio Garcia Coutinho, da Universidade do Vale do Sapucaí; orientada pelo Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves.

APROVADA EM: ____/____/_____.

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves
Universidade do Vale do Sapucaí

Examinador: Prof. Ms. Lucas Navaroli Ribeiro Silva
Universidade do Vale do Sapucaí

Examinador: Prof. Dr. Fábio Rezeck
Universidade do Vale do Sapucaí

À Aparecida Godoi de Moura (in memoriam),
com amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Vale do Sapucaí, por ter me apresentado a mim mesma.

A todo o corpo docente e administrativo do Departamento de Psicologia, pela solicitude, empenho e saber compartilhado em cada etapa do meu percurso acadêmico, em especial:

À Prof.^a Dra. Lariana Paula Pinto (in memoriam), por identificar minhas potencialidades e me conduzir a ser mais do que se poderia esperar.

À Prof.^a Dra. Camila Claudiano Quina Pereira, pelo seu pensamento crítico e compromisso com a justiça social, que transformou minha perspectiva sobre o poder do conhecimento.

À Prof.^a Ma. Carla Aparecida Pacheco, pelo apoio diante das desafiadoras demandas do mercado de trabalho, inspirando-me a sonhar com confiança, determinação e sabedoria.

Ao Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves, referência de excelência, pela forma respeitosa e responsável com que conduziu esta orientação. Por sua dedicação, sabedoria e sensibilidade com que trata a alma humana, meu agradecimento e admiração.

Aos meus pais, Fernanda Elisa Simeão Ribeiro Moura e Michel Aparecido de Moura, e ao meu irmão, Samuel Simeão Ribeiro Moura, profissionais íntegros e humanos que me inspiram e fazem com que eu queira, a cada dia, superar-me e reinventar-me.

Aos meus avós, Ana Lúcia Simeão Ribeiro e Herço Dias Ribeiro, verdadeiros exemplos de otimismo, perseverança e superação, que mesmo na ausência física, me apoiaram e encorajaram incondicionalmente.

Ao meu namorado, João Paulo Martins de Oliveira, pela leveza que desperta em mim de forma genuína e pura.

À Ana Flávia Ribeiro de Andrade e Carla Aparecida Mariano, por serem minhas grandes amigas de graduação. Pelas descobertas e aflições compartilhadas, pela coragem que me impulsionaram, pelos sonhos e projetos que nutrimos juntas, e por todas as histórias que vivenciamos, orgulho-me em ver nosso crescimento e quem escolhemos nos tornar.

Aos meus colegas de graduação, Ana Carolina Barbosa de Melo Braga, Andressa Peçanha Veiga, Caroline Silva e Souza, Ingrid Tarcila Oliveira de Sousa, Isadora Helena Barbosa, João Victor Moraes Ramos e Mariane Heloísa Silva Bento, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo, carinho e apoio que me proporcionaram em meio às pressões e responsabilidades da vida universitária.

A todos vocês, dedico meu amor, amizade e profundo reconhecimento.

Somos o próprio reflexo que vemos no espelho e além dele.

(Vitor Ávila, 2019)

RESUMO

O conceito de narcisismo comumente evoca conotações negativas, como individualismo, egoísmo e vaidade excessiva, amplamente difundidas no senso comum. No entanto, é fundamental abordá-lo como uma fase intrínseca ao desenvolvimento humano, conforme proposto pelos princípios da Psicologia Analítica Junguiana. Neste estudo, o objetivo é compreender a estrutura psíquica e intersubjetiva da personalidade narcisista, adotando uma perspectiva despatologizante. O mito de Narciso é utilizado como ponto de partida, sendo explorado em três dimensões principais: a fragmentação do eixo ego-Si-mesmo na construção do Eu, o dualismo arquetípico como uma configuração do narcisismo e a dinâmica pluralista da psique em sua dimensão simbólica. A metodologia adotada envolve uma revisão bibliográfica qualitativa, de natureza básica e objetivo exploratório, resultando em uma síntese crítica das relações existentes entre o mito de Narciso e o Transtorno de Personalidade Narcisista. Essa abordagem representa uma alternativa antirreducionista à perspectiva psiquiátrica tradicional, para além de visões estigmatizantes e superficiais frequentemente associadas. Explorar o narcisismo como uma etapa significativa do desenvolvimento humano implica ao indivíduo direcionar sua atenção para seu mundo interior em busca de significado e plenitude da experiência humana, que se concretiza por meio da integração de todos os aspectos de sua personalidade, incluindo seus opostos, permitindo-lhe tornar verdadeiramente quem é.

Palavras-chave: Narcisismo. Dualidade arquetípica. Despatologização. Psicologia Analítica Junguiana.

ABSTRACT

The concept of narcissism commonly evokes negative connotations, such as individualism, selfishness and excessive vanity, which are widespread in common sense. However, it is essential to approach it as an intrinsic phase of human development, as proposed by the principles of Jungian Analytical Psychology. In this study, the objective is to understand the psychic and intersubjective structure of the narcissistic personality, adopting a depathologizing perspective. The myth of Narcissus is used as a starting point, being explored in three main dimensions: the fragmentation of the ego-Self axis in the construction of the Self, archetypal dualism as a configuration of narcissism and the pluralistic dynamics of the psyche in its symbolic dimension. The methodology adopted involves a qualitative bibliographical review, of a basic nature and exploratory objective, resulting in a critical synthesis of the relationships between the myth of Narcissus and Narcissistic Personality Disorder. This approach represents an anti-reductionist alternative to the traditional psychiatric perspective, beyond often associated stigmatizing and superficial views. Exploring narcissism as a significant stage of human development involves the individual directing their attention to their inner world in search of meaning and fullness of the human experience, which is achieved through the integration of all aspects of their personality, including their opposites, allowing make you truly who you are.

Keywords: Narcissism. Archetypal duality. Depathologization. Analytical Jungian Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estágios do desenvolvimento psicológico.....	30
Figura 2 – O ciclo da vida psíquica.....	32

LISTA DE SIGLAS

DSM Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

APA American Psychological Association

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 NARCISO: MITOLOGIA, NARCISISMO E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE NARCISISTA.....	11
2.1 Raízes mitológicas: A origem do mito de Narciso	11
2.2 Entre o mito e a Psicanálise: Interpretações psicanalíticas do narcisismo	14
2.3 Narcisismo patológico: Implicações clínicas do Transtorno de Personalidade Narcisista.....	20
3 O MITO DE NARCISO NA FUNÇÃO DE INTEGRAÇÃO PSÍQUICA DO NARCISISMO	25
3.1 Mitos, Inconsciente Coletivo, Arquétipos, Energia Psíquica e Símbolos: Uma exploração conceitual.....	25
3.2 Arquétipos e dualidade no processo de individuação: A estrutura do eixo ego-Si-mesmo no narcisismo	29
3.3 A representação simbólica do eixo ego-Si-mesmo no processo de individuação a partir do mito de Narciso.....	34
4 A DINÂMICA PLURALISTA DA PSIQUE E SUA RELEVÂNCIA NA ANÁLISE DOS FENÔMENOS PSICOPATOLÓGICOS DO NARCISISMO	37
4.1 A integração das estruturas psíquicas e o rompimento com a desmistificação patológica	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Narrativas arquetípicas, como os mitos, surgem da tendência inerente e inevitável do inconsciente em projetar eventos internos, transformando-os em expressões de representações de acontecimentos psíquicos por meio de histórias que criamos e compartilhamos.

Expressas através de imagens simbólicas, as quais representam um aspecto inesgotável e permanente da totalidade da psique (MELO, 2018; SANTOS, 2016), nos permitem acessar e compreender os padrões universais da experiência humana, oferecendo insights e revelando caminhos para uma compreensão mais profunda de nós mesmos.

Os símbolos, metáforas do processo de individuação, são essenciais para a exploração do eixo ego-Si-mesmo, que representa o centro da personalidade e a integração de aspectos inconscientes na construção do Eu (PÁDUA, 2017). Eles viabilizam a busca de significado existencial e estão arquetipicamente estabelecidos como veículos de transformação e crescimento psíquico (MELO, 2018).

Pertencentes e comuns a todos os homens, os mitos revelam-se como temas recorrentes em narrativas de diferentes países e épocas, com variações mínimas (MELO, 2018). Nesse sentido, é importante ressaltar que "todo mito é arquetípico e todo arquétipo é dual" (PEIXOTO; LUCONI, 2019), uma vez que os arquétipos representam padrões fundamentais da psique presentes em todas as culturas e expressam dualidades essenciais à condição humana.

A psique, inicialmente neutra e pertinente ao seu contexto, contém em si dois polos de um mesmo arquétipo, que podem ser caracterizados de maneira positiva ou negativa, e são revelados por meio das fixações e de aspectos reprimidos ou negados no inconsciente. Eles emergem em momentos de crise ou de desconexão com o ego, e apontam para o poder de reorganização e transformação (MELO, 2018; PEIXOTO; LUCONI, 2019; SANTOS, 2016).

O mito de Narciso, narrado no poema *Metamorfoses* de Ovídio e em outras fontes, é frequentemente associado ao narcisismo, conceito consolidado pela Psicanálise Freudiana como um contínuo investimento libidinal ao próprio Eu. Em contraste com Freud, a Psicologia Analítica Junguiana oferece uma perspectiva distinta sobre a subversão do amor-próprio e o fascínio pela própria imagem.

De escopo antirreducionista, o mito não se reduz ao amor pela própria imagem, mas amor à sua primeira imagem, remetendo a uma dimensão mais profunda e primordial do ser (MELO, 2018). Nessa abordagem, o fenômeno é interpretado como uma alusão a uma imagem arquetípica enraizada no inconsciente, no encontro e confronto com o desconhecido que reside

em seu interior, que, em suas dimensões simbólicas, promove a ampliação da consciência, parte da construção do Eu e do processo de individuação (MELO, 2018; RUBINI, 2020).

Compreendendo a psicopatologia como uma manifestação necessária e natural do arquétipo no desenvolvimento da personalidade, é necessário que o indivíduo estabeleça uma relação saudável com sua própria imagem e identidade. Jung argumenta que as psicopatologias resultam do encontro com imagens primordiais que, ao emergirem na consciência, exercem influência na regulação, direcionamento ou perturbação da vida psíquica, provocando a inflação do ego (PÁDUA, 2017).

Nesse contexto, destaca-se a importância de abordar a condicionalidade e promover o acolhimento e a reorientação dos conflitos emocionais como um caminho para buscar o equilíbrio e a homeostase psíquica para, através das transformações da energia psíquica, se processar a construção do Eu (PÁDUA, 2017; SANTOS, 2019). A personalidade, por fim, representaria a decisão de permanecer fiel a uma ordem interna única, simbolizando a manifestação máxima e inata do processo de individuação (MELO, 2018; RUBINI, 2020).

Este estudo tem como objetivo compreender a estrutura psíquica e intersubjetiva da personalidade narcisista, adotando uma abordagem despatologizante fundamentada nos princípios da Psicologia Analítica Junguiana. Ao adotar essa perspectiva, busca-se aprimorar nossa compreensão sobre o assunto, tornando-a mais ampla e profunda, considerando as múltiplas dimensões do indivíduo e as complexas interações entre suas dinâmicas de energia psíquica.

Para alcançar esse objetivo, explora-se o mito de Narciso em três perspectivas: i) A fragmentação do eixo ego-Si-mesmo no processo de construção do Eu, analisando como a interação entre o ego e o Si-mesmo pode ser afetada e resultar na formação de características narcisistas; ii) O dualismo arquetípico como possibilidade de configuração do narcisismo, investigando como os arquétipos desempenham um papel na manifestação e expressão desse traço de personalidade; iii) A dinâmica pluralista da psique e sua rica dimensão simbólica interna e subjetiva como uma alternativa à perspectiva psiquiátrica única e obrigatória.

Enquanto produção, indaga-se "Por que nem sempre o narcisismo é ruim?" e "Qual é a relevância do narcisismo no processo de individuação?", visto que o conceito de narcisismo é frequentemente associado a uma visão negativa de individualismo, egoísmo e vaidade estética ou socialmente excessiva, amplamente difundido no senso comum; sendo importante compreendê-lo como uma fase do desenvolvimento humano na qual o indivíduo se concentra em si mesmo, buscando conhecer e estabelecer sua identidade por meio da integração dos aspectos que o compõem, incluindo seus opostos.

Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, de natureza básica e com objetivo exploratório, realizou-se uma síntese crítica das discussões existentes sobre o tema. No primeiro capítulo, buscou-se abordar a relação entre o mito de Narciso e o Transtorno de Personalidade Narcisista, cuja origem remonta à teoria psicanalítica de Freud e evoluiu para uma classificação específica no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), referência na nosologia psiquiátrica.

No segundo capítulo, ao explorar a conceituação do eixo ego-Si-mesmo, buscou-se destacar sua dualidade arquetípica enquanto estrutura psíquica fundamental para o processo de individuação, seguida de uma análise e reflexão simbólica sobre a narrativa mítica e o conceito de narcisismo.

No terceiro capítulo, por meio da perspectiva psicogênica da Psicologia Analítica Junguiana, buscou-se compreender os fenômenos psicopatológicos presentes no pluralismo e dinamismo inerentes à psique, cujo foco central é desmistificar, de forma sistemática e patológica, as concepções predominantemente influenciadas pela perspectiva psiquiátrica, a fim de estabelecer novos sentidos que proporcionem uma compreensão ampla e integrativa da alma humana.

Por fim, são apresentadas considerações que abrem prerrogativas para o estudo dos aspectos psicogênicos relacionados às psicopatologias, contribuindo para uma visão mais empática do fenômeno, fornecendo novas perspectivas e oportunidades de investigação nesta área.

2 NARCISO: MITOLOGIA, NARCISISMO E TRANSTORNO DE PERSONALIDADE NARCISISTA

Neste capítulo, busca-se abordar a relação entre o mito de Narciso e o Transtorno de Personalidade Narcisista, cuja origem remonta à teoria psicanalítica de Freud e evoluiu para uma classificação específica no DSM, referência nosológica psiquiátrica. Explora-se a origem do mito e sua implicação simbólica, bem como sua interpretação psicanalítica, evoluídas em critérios diagnósticos e características clínicas.

2.1 Raízes mitológicas: A origem do mito de Narciso

Desde os primórdios, os contadores de histórias têm dado vida aos mitos que emergiam dos sonhos e das emoções, conquistando a imaginação e o interesse dos ouvintes. Esses pioneiros narradores, com o tempo associados a poetas e filósofos, resgataram a ancestralidade da humanidade por meio de mitos e representações simbólicas, supondo que as narrativas sobre os deuses preservavam, na realidade, tradições arcaicas de líderes há tempo muito falecidos (JUNG, 2016).

Por volta de 205 a.C., o mito adquiriu, pela primeira vez, representação humana na arte grega, cultura conhecida por divinizar tanto o ser como o pensamento. Anteriormente simbolizado por meio de formas abstratas e animais sagrados, as figuras mitológicas, retratadas de forma antropomórfica, tornaram-se facilmente identificáveis e compreensíveis em narrativas relevantes para as experiências e aspirações do povo grego (GRIMAL, 2005).

À maneira socrática, o mito constituiu uma forma pela qual o ser humano buscou conhecer a si mesmo, expressando, reforçando e preservando crenças que, constantemente lembradas ou reinventadas, tornaram-se parte do nosso cotidiano, seja como realidade ou apenas referência (GRIMAL, 2005).

O mito de Narciso, objeto de estudo deste capítulo, é relatado em duas fontes principais. Na mitologia grega, é mencionado em um dos primeiros *Hinos Homéricos*, datado dos séculos VII e VIII a.C, compostos por uma coleção de obras poéticas independentes, originalmente compostas como cânticos dedicados aos deuses do Olimpo e atribuídos ao poeta Homero ou à tradição homérica (HAMILTON, 2022).

Na mitologia romana, fortemente influenciada pela mitologia grega, recebeu significativo destaque na obra de Ovídio (HAMILTON, 2022). Ovídio, cujo nome em latim é

Publius Ovidius Naso, foi um renomado poeta romano nascido em Sulmona, região central da Itália, que viveu entre 43 a.C. e 17 ou 18 d.C (MELO, 2018).

Provindo de uma família abastada, composta por ricos cavaleiros, recebeu uma excelente formação em retórica. Fortemente incentivado por seu pai para que seguisse uma carreira política, dedicou-se aos estudos necessários para essa formação. No entanto, às vésperas de iniciá-la, reconheceu que sua verdadeira paixão estava na escrita de versos, assumindo a decisão de dedicar-se inteiramente à poesia, pois sentia-se irresistivelmente atraído pelas musas (MELO, 2018).

Reconhecido por sua elegância e maestria literária, Ovídio desfrutou de grande popularidade, produzindo um extenso corpo de obras. Sua primeira criação foi *Os Amores*, composta por cinco livros entre 25 a.C. e 16 a.C., que posteriormente foi reeditada em três livros. Em seguida, surgiram *As Epístolas das Heroínas, ou Heróides*, datadas do início do primeiro século a.C., que são cartas de amor escritas por mulheres para seus amantes. Pouco depois, publicou *A Arte de Amar*, por volta de 2 a.C., e então *Os Remédios do Amor*, escritos no início do primeiro século a.C., nas quais, de maneira satírica, aborda o amor e como superá-lo, atribuindo-lhe caráter de enfermidade (MELO, 2018).

Ovídio integrou um dos principais grupos de poetas de sua época, financiado por um político chamado Messala. Nesse contexto, dedicou-se a escrever poesias sobre o governo, o que resultou em uma vasta obra literária, entretanto, conta-se que em 8 d.C., foi banido de Roma por decreto do imperador Augusto, vivendo seus últimos anos em exílio em Tomis, na atual Romênia (MELO, 2018).

Embora não haja informações precisas que expliquem o motivo exato de seu exílio, especula-se que possa estar relacionado ao conteúdo erótico e amoroso considerado obsceno em suas obras, levando-o a abandonar as poesias de teor sensual que marcaram sua juventude (MELO, 2018).

Durante seu exílio, escreveu sua obra épica intitulada *Metamorphoses* (escrita por volta de 8 d.C), reconhecida como uma das principais obras literárias da antiguidade e uma das mais importantes fontes de mitologia clássica. Esta narrativa, em verso, abrange uma ampla gama de mitos e lendas de heróis e deuses mitológicos, com o intuito de explicar a origem do mundo (MELO, 2018; RUBINI, 2020).

Estabelecendo a transformação a temática central que percorre toda a narrativa, dando vida a personagens e eventos que assumem diferentes formas e corpos, no capítulo III, Ovídio narra Narciso, figura mitológica que despertou fascínio e instigou curiosidade, conhecido por se apaixonar pela sua própria imagem refletida na água.

Sua história, retratada de maneira vívida, ilustra as transformações que ocorrem na alma humana. Essas transformações têm origens culturais na mitologia greco-romana, onde a beleza física era amplamente apreciada e considerada uma dádiva dos deuses, encontrando um ambiente propício para se desenvolver.

Narciso, em sua versão Ovidiana (*Metamorphoses, III*)¹, era um jovem de extrema beleza, cuja linhagem remonta ao encontro turbulento entre sua mãe, Liríope, e o deus-rio, Céfiso. De forma dolorosa e cruel, envolvida e violentada pelas sinuosidades do deus-rio, Liríope deu à luz seu filho, a quem chamou de Narciso, já então digno de ser amado pelas ninfas.

Tirésias, detentor do poder da profecia e possuidor de grande sabedoria, revelou a Liríope, quando consultado sobre o destino de Narciso, que ele viveria uma vida longa e teria uma velhice prolongada se não se conhecesse.

Durante um longo período, as palavras do vidente pareciam desprovidas de significado. Aos 16 anos, Narciso possuía uma aparência que o situava entre a juventude e a idade adulta, despertando desejos em muitos jovens e ninfas. Contudo, os desprezava em sua rude soberba que se manifestava junto às suas formas delicadas.

Eco, amaldiçoada por Juno devido à sua conversa incessante, que a distraía quando tentava surpreender as ninfas deitadas nas montanhas com Júpiter, foi condenada a repetir apenas o que havia escutado, quando alguém acabara de falar. Ao avistar Narciso caminhando sem destino pelos campos, apaixonou-se imediatamente por ele e começou a segui-lo sorrateiramente.

Por inúmeras vezes, ansiava se aproximar de Narciso com palavras carinhosas e expressar-lhe súplicas, porém sua natureza a impedia de falar em primeiro lugar, esperando pelos sons a ecoar as próprias palavras.

Narciso, isolado de seus fiéis companheiros, chamou por alguém, e Eco o respondeu. Surpreso, convidou-a a se aproximar, mas ao perceber que não havia ninguém ali, questionou por que o evitava, ouvindo suas próprias palavras de volta. Insistiu, e enganado pela voz que o respondia, convidou-a a se unir a ele. Eco, acompanhando a palavra com gestos, saiu da floresta para abraçá-lo, mas Narciso fugiu, rejeitando-a e preferindo a morte a se render a ela.

Assim Narciso decepcionara ninfas e jovens que o desejavam. Desprezada, Eco escondeu-se e isolou-se na floresta, definhando até virar pedra e dela restar o eco proveniente das montanhas. Um dos desprezados implorou por vingança aos céus, clamando: "Que ele ame

¹ OVÍDIO. *As metamorfoses*. Tradução de David Gomes Jardim Júnior. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

e não possa possuir o objeto amado", e dessa forma, a deusa de Ramnonte ouviu e acatou à sua prece.

Cansado pelo esforço da caça e pelo calor, Narciso, atraído pelo aspecto do lugar e pela presença de uma fonte isolada e intocada, com águas cristalinas, brilhantes e prateadas, estendeu-se ao chão, buscando saciar sua sede. Apaixonou-se por um reflexo sem substância refletido nas águas da fonte, que o deixou extático frente a si mesmo, e o tomou por corpo, o que não passou de sua sombra.

Fascinado por seu reflexo, admirou tudo o que era admirado pelos outros, desejando a si mesmo em sua ignorância. Nem mesmo os cuidados com a alimentação e o repouso conseguiram afastá-lo dali. Narciso contemplava-se insaciavelmente, exclamando seu desejo em ser possuído, até que, aos poucos, percebeu que a pessoa do reflexo era, na verdade, ele mesmo.

Consumido pelo amor não correspondido pela sua própria imagem, lamentou-se e não conseguiu suportar mais sua angústia. Esgotado por esse amor, definhou-se gradualmente, enquanto um fogo secreto o consumiu pouco a pouco.

Mesmo após ser recebido no inferno, Narciso continuou a se contemplar nas águas do rio Estige. Em vez de seu corpo, encontraram apenas uma flor dourada cercada por folhas brancas.

2.2 Entre o mito e a Psicanálise: Interpretações psicanalíticas do narcisismo

Transcendendo o âmbito linguístico, a mitologia estabeleceu-se como uma verdadeira disciplina, com metodologia própria e força criativa ativa, recusando-se a ser classificada como mera explicação para os fenômenos observáveis da natureza (GRIMAL, 2005).

Após a Segunda Guerra Mundial, as pesquisas míticas contemporâneas foram agrupadas em três principais tipos, amplamente aceitos, com base na classificação proposta pelo antropólogo Edmund Leach: i) teorias funcionalistas, que enfatizam a função social do mito na comunidade; ii) teorias simbolistas, que analisam o mito como expressão cultural e de pensamento; e iii) teorias estruturalistas, que impulsionaram a pesquisa mitológica e contribuíram para a formação de uma ciência dos mitos (GRIMAL, 2005).

Aqui, cabe-nos explorar as teorias simbolistas. Sigmund Freud (1859-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961) mantêm uma posição proeminente entre as diversas correntes que buscam interpretar o mito por meio de símbolos, reconhecendo-os como uma entidade

autônoma que, conectada à realidade de forma coletiva, emotiva e rica, abrange aspectos que não podem ser diretamente comunicados pela linguagem comum (GRIMAL, 2005).

Nessa perspectiva, a abordagem Psicanalítica, elaborada com base na teoria e nas pesquisas de Freud, explorou o conceito de narcisismo, cuja origem remonta à cultura greco-romana, simbolizado no mito de Narciso o amor pela sua própria imagem.

Introduzido ao final do século XIX, o conceito de narcisismo foi incorporado ao discurso científico, especialmente na área emergente da sexologia, por Havelock Ellis, médico e psicólogo britânico, em sua obra *Autoerotism, a Psychological Study* (1898) (ARAÚJO, 2010).

Ellis foi o primeiro teórico a estabelecer relação com o mito, descrevendo o comportamento perverso "como Narciso", conforme mencionado por Freud em nota acrescentada em 1920 aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001; MONTELLANO, 2006).

A contribuição pioneira de Ellis possibilitou uma maior compreensão do termo e suas implicações psicológicas. Em 1899, Paul Nacke, psiquiatra e criminologista alemão, o introduziu para descrever uma perversão sexual, e no início do século XX, Freud, nesta prerrogativa, apresentou o conceito em seu discurso psicanalítico, tornando-o amplamente reconhecido (MONTELLANO, 2006).

Em nota acrescentada em 1910 aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud se referiu à escolha sexual dos invertidos, termo utilizado para descrever os homossexuais naquela época, apontando que estes "partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou" (FREUD, 2016, p.34).

Durante um período simultâneo, ao elaborar os ensaios sobre Leonardo da Vinci (1910) e Schreber (1911), também concluiu que o narcisismo representa uma fase comum ao desenvolvimento sexual humano, explorando novas perspectivas para compreendê-lo como um elemento essencial do amor-próprio e da autoestima, destinado à autopreservação do indivíduo e à formação dos laços sociais (ARAÚJO, 2010).

O termo foi oficialmente incorporado ao discurso psicanalítico em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914), ao relacioná-lo ao desenvolvimento infantil e aos investimentos libidinais. Nesse ensaio, Freud apresentou de maneira precisa e incontestável os alicerces metapsicológicos, representando uma autêntica revolução no campo da Psicologia (ARAÚJO, 2010; ZIMERMAN, 2008).

Desenvolvido como uma réplica à Jung, que havia se distanciado do círculo freudiano e questionado a Teoria da Sexualidade, alegando que ela não conseguia explicar as psicoses,

uma vez que os pacientes não apresentavam interações libidinais; Freud argumentou que o indivíduo percebe seu corpo como fonte e objeto da libido sexual ao mesmo tempo (ZIMERMAN, 2008).

Essa concepção está associada ao estudo das psicoses, com destaque para a contribuição de Karl Abraham, psicanalista alemão e um dos primeiros discípulos de Freud, que em sua pesquisa sobre a demência precoce descreveu o processo de desinvestimento do objeto e a movimentação da libido em direção ao sujeito (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Desta forma, Freud observou o delírio de grandeza em pacientes psicóticos, o que o levou a conceituar o narcisismo como a atitude resultante da transferência dos investimentos libidinais anteriormente direcionados aos objetos do mundo externo para o próprio Eu do indivíduo (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Freud emprega o termo narcisismo primário para se referir a um estado inicial da vida, anterior à formação do ego, caracterizada pela ausência de relações objetais. Nesse estado, o bebê vivencia um estado anobjetal, no qual não há clivagem entre o ego e o id, e nem entre o sujeito e o mundo exterior (ARAÚJO, 2010; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

É uma fase precoce em que o bebê concentra toda a sua libido em si mesmo, quando atende seus impulsos parciais por meio das zonas erógenas correspondentes, tornando-se seu próprio objeto de amor (ARAÚJO, 2010; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

O narcisismo primário, no entanto, só perdura e se fortalece através do amor parental. Dependendo dos desejos dos pais, a criança pode não experimentar perdas e sofrimentos, o que cria um estado paradisíaco de perfeição e completude. No entanto, para se tornar um sujeito, esse estado precisa ser interrompido e desde cedo, ela é exposta às exigências do ambiente e dos pais (ARAÚJO, 2010).

A criança, gradualmente, percebe que não é o centro de tudo para sua mãe e que ela possui outros interesses. À medida que amadurece e se desenvolve, ela passa a vivenciar o que Freud denominou de narcisismo do ego ou narcisismo secundário (ARAÚJO, 2010).

Esse tipo de narcisismo se refere ao retorno da libido para o ego, retirando-a de todos os objetos externos, através do processo de desinvestimento com as figuras parentais ou seus representantes. Nessa fase, a criança começa a perceber sua individualidade, distinguindo-se dos outros, incluindo sua mãe (ARAÚJO, 2010; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

O narcisismo secundário é, de fato, uma estrutura permanente do sujeito. No âmbito econômico, os investimentos em objetos externos não suprem os investimentos ao ego, ao contrário, existe um equilíbrio energético entre essas duas formas de investimento, de maneira que, se uma desenvolve, a outra reduz, e vice-versa. Já no âmbito tópico, o ideal do ego tornará

objeto dos investimentos libidinais, que orientarão o desenvolvimento e o fortalecimento do ego, representando uma formação narcisista que jamais é abandonada (ARAÚJO, 2010; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

De forma abrangente, tanto os elementos do narcisismo primário, quanto do narcisismo secundário, moldarão a personalidade e permanecerão presentes na vida do indivíduo ao longo de sua existência. O olhar “libidinizado” da mãe desempenhou importância fundamental no reconhecimento e sentimento de amor próprio da criança e a partir desse momento, todas as suas escolhas objetais e realizações terão como base esse período de desenvolvimento do amor por si mesma (ARAÚJO, 2010).

Fenômeno libidinal, direcionado ao próprio ego ou aos objetos, o conceito de narcisismo retoma a Teoria da Libido de Freud, que, em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, o introduziu psiquicamente como a energia libidinal do Eu. Essa teoria oferece explicações para os fenômenos psicosssexuais observados, os quais só podem ser adequadamente analisados após a libido ser direcionada para objetos externos, transformando-se em libido do objeto (FREUD, 2016).

Em relação às escolhas objetais, Freud (2010) descreve dois tipos de modelos: o de apoio, fonte de escolha do objeto, que tem a mãe ou seus substitutos como o primeiro objeto de amor, uma vez que esse amor está diretamente relacionado à satisfação de necessidades básicas e funções de autoconservação; e o narcisista, que envolve a escolha de si mesmo como objeto de amor.

Nota-se que a libido se concentra em objetos, fixando-se neles ou abandonando-os, transitando entre eles e, a partir dessas dinâmicas, direciona a atividade sexual do indivíduo até alcançar a satisfação, resultando em uma extinção parcial e temporária da libido:

Quanto aos destinos da libido objetal, podemos também verificar que ela é retirada dos objetos, mantida suspensa em estados especiais de tensão e finalmente reconduzida ao Eu, de modo a se tornar novamente libido do Eu. Também chamamos à libido do Eu, em contraposição à libido objetal, libido narcísica. A libido narcísica ou do Eu nos aparece como o grande reservatório, do qual são enviados e ao qual retornam os investimentos objetais (FREUD, 2016, p. 136-137).

Freud também aponta diferenças fundamentais, mas não universais, entre homens e mulheres quanto ao tipo de escolha de objeto. O modelo de apoio é característico dos homens, que tendem a apresentar uma notória superestimação sexual resultante do narcisismo original da infância, e resulta na transferência desse narcisismo para o objeto sexual, possibilitando o surgimento do enamoramento (FREUD, 2010).

O enamoramento, caracterizado pelo direcionamento intenso da libido do Eu para o objeto, como uma renúncia da própria individualidade em prol do investimento no objeto, pode levantar repressões e restaurar perversões. Nesse processo, o objeto sexual é elevado a um ideal sexual. No modelo de apoio, esse enamoramento ocorre com base no cumprimento de condições de amor infantis, fazendo com que tudo que preencha tais condições seja idealizado (FREUD, 2010).

Paralelo às escolhas objetais e realizações pessoais, outro aspecto da personalidade que emerge do narcisismo é o amor-próprio. Quando a libido é alinhada ao Eu, amar é percebido como uma atividade natural. O desejo de amar, por si só, reduz o amor-próprio, mas ser amado, encontrar amor e possuir o objeto amado, o restaura (FREUD, 2010).

Por outro lado, a repressão da libido resulta em uma séria diminuição do Eu, tornando a satisfação amorosa impossível. Nesse caso, o Eu pode ser “reenriquecido” ao retirar a libido dos objetos. A transformação da libido dos objetos em narcisismo simboliza um renascimento do amor verdadeiramente feliz, que corresponde quando a libido do objeto e a libido do Eu se fundem, sem distinção, em um estado primordial de plenitude (FREUD, 2010).

Essa demonstração revela que esse sentimento é influenciado por três fatores distintos: i) reminiscência do narcisismo infantil, derivada das realizações que reforçam a sensação de onipotência da infância; ii) cumprimento do ideal do Eu; e iii) emerge da satisfação dos investimentos libidinais nos objetos (FREUD, 2010).

Quando um indivíduo não consegue encontrar satisfação plena em si mesmo, é comum que ele direcione grandes esforços para investir em algo que possua a excelência que falta ao Eu, tornando-o assim um ideal (ARAÚJO, 2010; FREUD, 2010):

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD, 2010, p. 21).

A busca pelo ideal do Eu pode dificultar a satisfação libidinal nos objetos, pois parte deles é rejeitada pelo censor como intolerável. Quando o ideal do Eu não se desenvolve, as tendências sexuais podem permanecer inalteradas e manifestar-se como perversões. O indivíduo, por sua vez, deseja ser novamente seu próprio ideal, inclusive em relação às tendências sexuais, como na infância, como forma de alcançar a felicidade (FREUD, 2010).

Após a morte de Freud em 1939 e, principalmente a partir da década de 1950, seus discípulos e críticos se empenharam no estudo desse tema. Apesar das limitações e da ambiguidade em seu significado, o conceito de narcisismo foi o ponto de partida para diversas elaborações pós-freudianas (ROUDINESCO; PLON, 1998; RUBINI, 2020).

Em defesa dessa afirmativa, é importante destacar teóricos proeminentes. Segundo Jacques Lacan, psicanalista francês, o narcisismo original ocorre quando a criança reconhece sua imagem refletida no espelho, que se baseia na do outro, especialmente da mãe, contribuindo para a formação do Eu, o que denominou como “estádio do espelho”. Esse período de autoerotismo corresponde à primeira infância, caracterizada pelas pulsões parciais e pelo "corpo despedaçado", associado ao "desamparo originário" do bebê, cujo retorno representa uma ameaça que está na raiz da agressividade (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Heinz Kohut, psicanalista americano, ao analisar os distúrbios narcísicos, contribuiu para o desenvolvimento da corrente *Self Psychology*, cujo cerne teórico é "o narcisismo como função de constituição, coesão e manutenção do Si-mesmo" (NEVES, 2014). Dentre os autores, foi o que mais se dedicou ao estudo do narcisismo, especialmente no narcisismo normal, nas transferências narcisísticas e na patologia do narcisismo (ZIMERMAN, 2008).

Kohut afirma que pacientes que sofrem com transtornos do narcisismo mostram-se como personalidades famintas, em quatro possibilidades, que se repetem na transferência da prática clínica. Essas possibilidades são: i) famintas por uma fusão, em que veem o terapeuta como uma extensão de si mesmos, encontrando dificuldades em separar-se dele; ii) famintas por espelho, buscando no terapeuta um reflexo estruturante que reconheça e aceite seu exibicionismo, refletindo sua grandiosidade; iii) famintas por ideal, caracterizada por uma busca incessante por uma figura parental idealizada, como o analista, a quem admirar por prestígio, poder, beleza, inteligência ou virtudes morais; e iv) famintas por gemelaridade, na necessidade de encontrar um gêmeo ou alter ego semelhante o suficiente para validar sua própria existência e aceitação (ZIMERMAN, 2008).

Na Psicanálise Contemporânea, David Zimerman, médico psiquiatra, destaca que o conceito de narcisismo tem se tornado relevante em duas vertentes distintas. A primeira refere-se às interações e interseções do narcisismo com a sexualidade edípica, e a segunda envolve o crescente entendimento do narcisismo primitivo, que abre caminho para a análise de pacientes profundamente fixados ou regredidos às primeiras fases do narcisismo (ZIMERMANN, 2008).

Propõe, ainda, a conceitualização de “posição narcisista”, que pode ser entendida como uma perspectiva de visualização do mundo das relações humanas a partir da condição fundamental de ainda não ter ocorrido o processamento da diferença entre o Eu e os outros.

As características da posição narcisista incluem: a) em sua origem, ela precede à posição esquizoparanóide, pois é a fase em que o bebê ainda confunde o mundo como uma extensão de si mesmo; b) existe uma condição de indiferenciação; c) uma negação das diferenças - a presença no sujeito da chamada parte psicótica da personalidade; d) a persistência de núcleos de simbiose e ambiguidade - uma lógica binária onde o sujeito é visto como o melhor ou o pior; e) uma escala de valores centrada no ego ideal e no ideal do ego; uma busca incansável por fetiches e objetos que proporcionem segurança; f) um contínuo jogo de comparações com os outros e g) a frequente presença de condições narcísicas graves (ZIMERMAN, 2008).

2.3 Narcisismo patológico: Implicações clínicas do Transtorno de Personalidade Narcisista

Através da análise das interpretações que os seres humanos atribuem às suas próprias experiências, é possível identificar características que compõem a realidade de cada indivíduo. No contexto da sociedade ocidental moderna, a compreensão do sofrimento humano encontra referência no conhecimento da psicopatologia, formada pela expressão científica da Medicina Psiquiátrica e da Psicologia (FOUCAULT, 1975).

Em uma perspectiva mais abrangente, a psicopatologia pode ser definida como o conjunto de conhecimentos relacionados ao adoecimento mental, que afeta os seres humanos, com o objetivo de oferecer uma abordagem sistemática, esclarecedora e desmistificadora, em um contínuo debate científico e público sobre todos os seus princípios, conceitos e descobertas (DALGALARRONDO, 2018).

Grande parte de suas origens são encontradas na herança da tradição médica, sobretudo nos trabalhos de renomados clínicos e alienistas do século XVIII até os dias atuais, resultando, ao longo dos últimos três séculos, em uma observação minuciosa e prolongada de um substancial grupo de indivíduos que enfrentam transtornos mentais (DALGALARRONDO, 2018).

Nesse contexto, a diversidade teórica desenvolvida no início do século XX ressaltou a necessidade de descrever e categorizar o acervo de conhecimentos, visando estabelecer concordância linguística entre os profissionais da área (PÁDUA, 2017).

Em 1952, foi publicada a primeira edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-I), da *American Psychiatric Association* (APA), influenciada pela tradição psiquiátrica de Emil Kraepelin (1856-1926), adotando uma abordagem isenta de teorias (PÁDUA, 2017).

Sua sistematização corresponde ao preenchimento de critérios científicos e lógicos, presentes em diversas modificações: DSM-II-1968, DSM-III-1980, DSM-III-R-1987, DSM-IV-1994, DSM-IV-TR-2003, DSM-V-2013 e a mais recente, DSM-V-TR-2022.

Compreendida como unidades totalmente distintas, com limites e fronteiras claramente definidas, as classificações diagnósticas seriam semelhantes a "espécies singulares", comparáveis às espécies biológicas, onde a precisa identificação delas seria um dos objetivos da Psicopatologia (DALGALARRONDO, 2018).

Durante as décadas de 1970 e 1980, presenciou-se a consolidação do narcisismo na Psicologia e Psicopatologia, resultando na sua inclusão no léxico cultural. Na quarta edição revisada do manual, DSM-IV-TR, o narcisismo foi categorizado entre os Transtornos de Personalidade (MONTELLANO, 2006).

Entende-se por personalidade “o conjunto integrado de traços psíquicos, consistindo no total das características individuais, em sua relação com o meio, conjugando tendências inatas e experiências adquiridas no curso de sua existência” (BASTOS, 1997 apud DALGALARRONDO, 2018).

Logo, um Transtorno de Personalidade é um padrão contínuo de vivências internas e comportamentos que se afastam acentuadamente de normas e expectativas da cultura em que o indivíduo está inserido. Esse padrão é generalizado e inflexível, surgindo durante a adolescência ou o início da vida adulta, mantendo-se constante ao longo do tempo e ocasionando em sofrimento ou prejuízo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA), 2022).

Os critérios diagnósticos que se originaram no DSM-IV-TR-2003 e posteriormente foram incorporados ao DSM-5-2013, permaneceram presentes em sua última revisão:

Um padrão pervasivo de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia, iniciando-se no início da idade adulta e presente em uma variedade de contextos, como indicado por cinco (ou mais) dos seguintes critérios:

1. Tem um senso grandioso de autoimportância (por exemplo, exagera realizações e talentos, espera ser reconhecido como superior sem conquistas correspondentes).
2. Está preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilhantismo, beleza ou amor ideal.
3. Acredita que é "especial" e único, e só pode ser compreendido por, ou deve associar-se a outras pessoas (ou instituições) especiais ou de alto status.
4. Requer admiração excessiva.
5. Tem um senso de direito (ou seja, expectativas irrazoáveis de tratamento especialmente favorável ou conformidade automática com suas expectativas).
6. É explorador nas relações interpessoais (ou seja, aproveita-se dos outros para alcançar seus próprios objetivos).
7. Falta de empatia: é incapaz de reconhecer ou se identificar com os sentimentos e necessidades dos outros.
8. Frequentemente sente inveja dos outros ou acredita que os outros têm inveja dele (a).

9. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e altivas (APA, 2022, p. 1013, tradução nossa).²

Como uma característica interligada, a vulnerabilidade da autoestima faz com que os indivíduos com Transtorno de Personalidade Narcisista se tornem excessivamente sensíveis a críticas ou derrotas. Mesmo que essa sensibilidade não seja manifestada de maneira externa, essas vivências podem resultar em sentimentos de vergonha, humilhação, degradação e vazio, com reações de desdém, irritação ou resposta desafiadora, assim como podem conduzir ao isolamento social ou a uma aparência de humildade que resguarda sua grandiosidade (APA, 2022).

Alguns indivíduos podem demonstrar competência e alcançar um alto nível de sucesso profissional e social, enquanto outros podem apresentar diferentes níveis de limitação funcional. Isso se deve, em grande parte, à excessiva preocupação consigo mesmo, priorização dos próprios direitos, necessidade de constante admiração e a relativa falta de consideração pelas sensibilidades alheias, fatores que podem influenciar de maneira variada a dinâmica das relações interpessoais (APA, 2022).

A combinação de habilidades profissionais juntamente com autocontrole, estoicismo e uma atitude interpessoal distante, caracterizada pela mínima autorrevelação, pode sustentar um engajamento duradouro na vida e até mesmo viabilizar a formação de laços matrimoniais e interações sociais. Em determinadas ocasiões, a ambição e a confiança temporária levam a notáveis realizações, entretanto, a oscilação da autoconfiança e a incapacidade de lidar com críticas ou fracassos podem prejudicar seu desempenho (APA, 2022).

A autoestima reduzida, caracterizada por sentimentos persistentes de inferioridade, vulnerabilidade e vergonha, frequentemente acompanhados por inveja, humilhação, autocrítica e insegurança, podem predispor os indivíduos a se retraírem socialmente, resultando em sensações de vazio e humor deprimido; assim como uma tendência em estabelecer padrões

² “A pervasive pattern of grandiosity (in fantasy or behavior), need for admiration, and lack of empathy, beginning by early adulthood and present in a variety of contexts, as indicated by five (or more) of the following: /1. Has a grandiose sense of Si-mesmo-importance (e.g., exaggerates achievements and talents, expects to be recognized as superior without commensurate achievements). /2. Is preoccupied with fantasies of unlimited success, power, brilliance, beauty, or ideal love. /3. Believes that he or she is “special” and unique and can only be understood by, or should associate with, other special or high-status people (or institutions). /4. Requires excessive admiration. /5. Has a sense of entitlement (i.e., unreasonable expectations of especially favorable treatment or automatic compliance with his or her expectations). /6. Is interpersonally exploitative (i.e., takes advantage of others to achieve his or her own ends). /7. Lacks empathy: is unwilling to recognize or identify with the feelings and needs of others. /8. Is often envious of others or believes that others are envious of him or her. /9. Shows arrogant, haughty behaviors or attitudes”. Disponível em: AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders, fifth edition, text revision**. 5. ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2022, p. 1013.

perfeccionistas elevados está muitas vezes ligada a um temor considerável de se expor a imperfeições, falhas e emoções avassaladoras (APA, 2022).

Traços narcisistas podem ser mais prevalentes em sociedades que valorizam o individualismo e a autonomia pessoal em detrimento de objetivos coletivistas. Comparativamente a contextos mais coletivistas, em ambientes individualistas, os traços narcísicos podem ser menos destacados em termos de atenção clínica ou resultar em prejuízos sociais menos frequentes (APA, 2022).

Entre os adultos com 18 anos ou mais diagnosticados com o transtorno, cerca de 50% a 75% são do sexo masculino. As diferenças de gênero envolvem uma reatividade mais intensa em resposta ao estresse e um processamento empático comprometido nos homens, em contraste com o autofoco e retraimento observados em mulheres. Além disso, padrões e expectativas de gênero, com base cultural, também podem influenciar as diferenças em traços e padrões de comportamento (APA, 2022).

A presença de traços narcisistas em adolescentes pode ser notável, no entanto, isso não implica automaticamente que esses jovens venham a desenvolver um Transtorno de Personalidade Narcisista ao atingirem a idade adulta. Acentuados traços narcísicos ou até mesmo a manifestação completa do transtorno podem vir à tona durante a atenção clínica, quando confrontados com situações inesperadas ou extremamente desafiadoras, tais como dificuldades financeiras, reviravoltas na carreira, desemprego ou separações conjugais (APA, 2022).

No curso de seu desenvolvimento, os indivíduos podem enfrentar desafios específicos ao lidar com as limitações físicas e profissionais inerentes ao processo de envelhecimento. No entanto, é válido ressaltar que experiências de vida como a formação de relacionamentos duradouros saudáveis, realizações concretas e a capacidade de lidar com decepções e adversidades de maneira tolerável, têm o potencial de atuar como agentes corretivos, contribuindo para mudanças e melhorias positivas no comportamento de indivíduos com esse transtorno (APA, 2022).

Enquanto comorbidade, o Transtorno de Personalidade Narcisista está relacionado a Transtornos Depressivos, como o Transtorno Depressivo Persistente e o Transtorno Depressivo Maior, além de anorexia nervosa e transtornos por uso de substâncias, especialmente relacionados à cocaína. Também pode haver associação com os Transtornos de Personalidade Histriônica, Limítrofe, Antissocial e Paranoide (APA, 2022).

Dalgalarrondo (2018), renomado Psiquiatra e autor de várias publicações no campo da saúde mental, defende que, apesar de ser absolutamente imprescindível considerar os aspectos

singulares de cada indivíduo, os diagnósticos desempenham um papel essencial como construtos fundamentais essenciais, tanto no contexto clínico quanto no avanço do conhecimento científico.

O autor afirma, ainda, que a compreensão plena do paciente e do sofrimento psíquico vivenciado é inviável sem um diagnóstico psicopatológico detalhado. Além disso, enfatiza a importância de selecionar a estratégia terapêutica mais adequada, fundamental na orientação e na escolha criteriosa das abordagens de tratamento pelo profissional de saúde mental, cujo objetivo final é alcançar a máxima eficácia terapêutica e alívio do sofrimento (DALGALARRONDO, 2018).

3 O MITO DE NARCISO NA FUNÇÃO DE INTEGRAÇÃO PSÍQUICA DO NARCISISMO

Neste capítulo, busca-se explorar a conceituação do eixo ego-Si-mesmo, reconhecendo sua dualidade arquetípica como uma estrutura psíquica fundamental no processo de individuação, na qual o ego busca se alinhar e integrar ao Si-mesmo, permitindo a expressão plena e autêntica da personalidade.

Ademais, realizou-se uma análise e reflexão sobre o conceito de narcisismo, com o propósito de desmistificá-lo de maneira sistemática e não patológica, adotando o simbolismo presente no mito de Narciso.

3.1 Mitos, Inconsciente Coletivo, Arquétipos, Energia Psíquica e Símbolos: Uma exploração conceitual

Revisitando a teoria simbolista de Edmund Leach, Freud e Jung se destacaram ao desvincular o mito do domínio da ciência natural. Demonstraram, de forma ainda mais persistente e em comparação com outros teóricos do século XIX, como os antropologistas Edward Burnett Tylor e James George Fraser, a capacidade de preservar sua relevância ao ampliar seu alcance para incluir, também, os mitos seculares³ (SEGAL, 2013).

Apesar de suas divergências, Freud e Jung abordam os mitos como um estado mental particular do inconsciente, cuja manifestação não tem como objetivo explicar, manipular ou transformar o inconsciente em consciente; pelo contrário, visa facilitar sua descoberta (SEGAL, 2013).

É incontestável que ambos autores mantêm diferenças quando se trata da natureza do inconsciente, e por consequência, discordam sobre a razão pela qual os mitos se fazem necessários (SEGAL, 2013).

Na perspectiva freudiana, o inconsciente é predominantemente composto por tendências infantis reprimidas, devido à influência moral do ambiente e sua incompatibilidade com as normas sociais. Através da análise psicanalítica, essas tendências são trazidas à consciência, revelando os desejos anteriormente reprimidos, abolindo-os (JUNG, 2015a).

³A tradição dos mitos secularmente consiste na transmissão de narrativas que representam ideias universais em constante evolução sobre a natureza humana, como a origem do universo e da moralidade, fundamentadas em conceitos filosóficos, científicos, políticos e culturais contemporâneos, para além de uma mera explicação de eventos do mundo físico. Disponível em: SEGAL, R. A. Freudian and Jungian approaches to myth: the similarities. In: BURNETT, L. et al. **Myth, literature, and the unconscious**. 1. ed. Abingdon: Routledge, 2013. p. 101-119.

Os mitos, para Freud, se originam na experiência familiar e, posteriormente, se projetam para o mundo exterior, revelando pulsões reprimidas por meio da sublimação e integração desses conteúdos, tanto no ego quanto no superego, não se restringindo unicamente ao id (SEGAL, 2013).

Na perspectiva Junguiana, parte do inconsciente compreende uma profusão de pensamentos, imagens e impressões temporariamente ocultas que, de forma subliminar, influenciam a maneira pela qual reagimos às pessoas e eventos (JUNG, 1964). Além do material reprimido, o inconsciente engloba todos os conteúdos psíquicos subliminares, ou seja, aqueles que ainda não alcançaram o limiar da consciência (JUNG, 2015a).

Os conteúdos são de natureza pessoal à medida em que são adquiridos ao longo da existência do indivíduo (JUNG, 2015a). O inconsciente pessoal é o depósito de memórias esquecidas, lembranças reprimidas de forma intencional, recordações dolorosas, percepções que não alcançaram o limiar da consciência devido à falta de intensidade – permanecendo subliminares – e conteúdos que ainda não amadureceram para emergir na consciência (JUNG, 2013a).

No entanto, o inconsciente também contém conteúdos de natureza impessoal e coletiva, manifestados através de categorias herdadas, dissociadas do inconsciente pessoal e de alcance universal (JUNG, 2013a). Jung (2015a) formulou a hipótese de que, em seus níveis mais profundos, o inconsciente abriga conteúdos de natureza coletiva em estado relativamente ativo, denominando-o como o inconsciente coletivo, a "parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum à humanidade" (VON FRANZ, 1964, p. 107).

Para Jung, os mitos são, em última instância, produtos do inconsciente coletivo, revelando e ocultando conteúdos inconscientes. São metáforas que buscam atribuir significado e forma às dinâmicas psíquicas que transcenderam a temporalidade, personificadas por meio de divindades e heróis que podem ser tanto humanos, quanto divinos (SEGAL, 2013).

Ele enfatiza a importância de uma interpretação simbólica dos mitos, que busca estimular e expandir a consciência do indivíduo, visando sua apreensão e autorrealização (SEGAL, 2013). Nesse estágio, quando as fantasias não mais se baseiam em reminiscências pessoais, estamos diante da manifestação da camada mais profunda do inconsciente, onde residem as imagens humanas universais e primordiais, ainda adormecidas (JUNG, 2013a).

As imagens primordiais, também conhecidas como arquétipos, foram descritas por Jung como formas e imagens de natureza coletiva que emergem universalmente como elementos psíquicos constitutivos dos mitos, ao mesmo tempo em que se manifestam como criações individuais, originadas no inconsciente (JUNG, 1964; JUNG, 2012).

Por definição, são algo que permanece desconhecido e inexpressável. De iniciativa própria e energia específica, singular, são capazes de proporcionar interpretações significativas em sua linguagem simbólica característica e de interferir em situações específicas por meio de seus próprios impulsos e padrões de pensamento, manifestados de forma ambivalente, em pares de opostos (JUNG, 2013a).

Mais do que formas comuns de percepção e intuição, experiência e reação, comportamento e sofrimento, os arquétipos são possibilidades de representação herdadas, no sentido de que a estrutura da psique, conforme existe, incorpora uma herança compartilhada universalmente, carregando consigo a capacidade de se manifestar em formas particulares (JACOBI, 2017; JUNG, 2012).

Supõem-se que os arquétipos sejam impressões enraizadas pela repetição e reações subjetivas, comportando-se empiricamente como forças ou tendência à repetição de experiências semelhantes. De forma instintiva, perpetuam representações de um padrão específico, permitindo inúmeras variações de detalhes enquanto mantém sua configuração original (JUNG, 1964; JUNG, 2013a).

Inerentemente inconscientes, os conteúdos arquetípicos são parte da estrutura psíquica de cada indivíduo, existindo como potenciais latentes influenciados por fatores biológicos e históricos. Cada arquétipo é continuamente atualizado em resposta à experiência de vida do indivíduo, e quando se manifesta, surge na consciência como algo que Jung descreve como sendo "representado" diante da consciência (JACOBI, 2017):

Os arquétipos não são algo exterior e não anímico, muito embora o mundo ambiente lhes empreste as formas de sua representação concreta. Mas contrária e independentemente dessa sua forma exterior, eles representam a essência e vida de uma alma não individual, inata em cada indivíduo, cuja personalidade, porém, não pode modificar, nem dela se apoderar. É uma e a mesma alma no indivíduo isolado, em muitos, ou em todos os indivíduos. Da mesma forma que o mar é o portador das suas ondas, esta alma universal é a condição prévia de toda psique individual (JUNG, 2013b, p. 62-63).

A experiência do arquétipo é frequentemente guardada como o segredo mais íntimo da nossa existência, representando uma vivência primordial que nos conecta ao núcleo não-ego da alma, desencadeando um confronto interno profundo e desafiador (JUNG, 2013a).

Preenchidos pela energia psíquica, os arquétipos operam como complexos – agrupamentos de conteúdos psíquicos com carga emocional – fluindo e retornando à sua vontade, frequentemente dificultando ou modificando nossas intenções conscientes de maneira profundamente perturbadora (JUNG, 1964).

No âmago das transformações, existe uma energia que permanece constante, criando, de maneira entrópica, um estado de equilíbrio geral no cerne dessas mudanças. De caráter finalista, uma vez que interpreta os fenômenos partindo do efeito para a causa, o desdobramento do processo energético segue uma trajetória definida, de modo invariável à diferença de potencial (JUNG, 2013c).

A progressão é o movimento em direção ao meio para alcançar a adaptação. Quando a atitude necessária para a adaptação não é atingida, a progressão é interrompida, levando ao represamento de energia, que se caracteriza pela desintegração das polaridades e no aumento da tensão, resultando em conflito (RUBINI, 2020).

O conflito representa um estado em que a energia está bloqueada e as polaridades em equilíbrio. Quando optamos por um dos lados, há uma dissociação em função de um conflito interno. A energia psíquica redireciona seu movimento e inicia o processo de regressão, onde o fluxo energético se volta para o inconsciente, reativando conteúdos que foram excluídos da consciência por serem perturbadores para os esforços de adaptação ao ambiente externo (RUBINI, 2020).

A conscientização desse material inconsciente possibilita a reflexão, o confronto e a integração. Como resultado, estagnações são superadas, bloqueios são desfeitos e a energia psíquica recupera sua fluidez, ampliando o potencial de reorganização e transformação na realidade psíquica (JUNG, 2011a; RUBINI, 2020).

É por meio das transformações da energia psíquica, a partir da formação dos símbolos, que se processa o desenvolvimento da psique. Estes símbolos, representações do inconsciente, são termos, designações ou representações visuais que podem ser identificados em nossas experiências cotidianas, transcendentais ao seu sentido evidente e convencional (JUNG, 2011a; JUNG, 2013c).

Apontados como algo oculto, Jung atribuiu aos símbolos a capacidade de converter energia, designando-os como um equivalente à libido – termo que designou para referir-se à energia vital – reativando conteúdos previamente adormecidos nas profundezas do inconsciente através da revelação ou intuição (JUNG, 2013c; RUBINI, 2020).

Manifestações espontâneas da psique, servem como pontes necessárias para confrontar as frequentes oposições aparentemente irreconciliáveis entre o consciente e o inconsciente (JACOBI, 2017; JUNG, 2011a). De forma a reconciliá-los, proporcionam uma expressão simbólica aos desejos, temores e tensões inconscientes que subjazem aos padrões conscientes do comportamento humano (CAMPBELL, 1997):

O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser (ELIADE, 1991, p. 8-9).

A mitologia nos proporciona inúmeras analogias dessa natureza (JUNG, 2013c). Devido à tendência inata do homem em criar símbolos, estes são inconscientemente transformados em objetos ou formas, aos quais são atribuídos significados psicológicos relevantes, influenciados pelo estado de consciência individual (JACOBI, 2017; JUNG, 2011a).

Dentre os símbolos, há alguns particularmente significativos e que podem assumir formas humanas, sub-humanas ou super-humanas, categorizados em várias tipologias como a sombra, a criança, a mãe e a menina, por exemplo; e os símbolos unificadores, os símbolos do centro psíquico, que representam diferentes aspectos da psique (JACOBI, 2017).

É importante reconhecer a existência de um material psíquico que, quando decomposto, parece carecer de significado, mas que, ao ser enriquecido por todos os meios conscientes – processo conhecido como amplificação – revela uma riqueza de sentido (JUNG, 2013a).

De imenso valor para o analista, visto que possibilita sua identificação e interpretação em um contexto que oferece perspectiva histórica e significado psicológico, o profissional depara-se com a totalidade do indivíduo que os gerou, na habilidade de percebê-los e interpretá-los por meio dos sentidos (JUNG, 2011a).

Dessa forma, os símbolos passam por uma análise sintética na qual os elementos simbólicos são desmembrados em suas partes individuais, seguida pela sua reintegração em uma expressão coesa e lógica, conduzida de maneira dissociada do objeto, com base em representações simbólicas de complexos subjetivos (JACOBI, 2017; JUNG, 2011a).

3.2 Arquétipos e dualidade no processo de individuação: A estrutura do eixo ego-Si-mesmo no narcisismo

A descoberta mais significativa de Jung é a do inconsciente coletivo, também denominado como psique arquetípica. Sua teoria afirma que a psique não se origina exclusivamente de experiências pessoais, mas envolve uma dimensão pré-individual, que se manifesta através de padrões e imagens universais presentes nas mitologias e religiões de todo o mundo (EDINGER, 2020).

Jung também identificou que a psique arquetípica possui um princípio que integra os diversos conteúdos arquetípicos. Esse princípio, denominado por Si-mesmo, é conhecido como

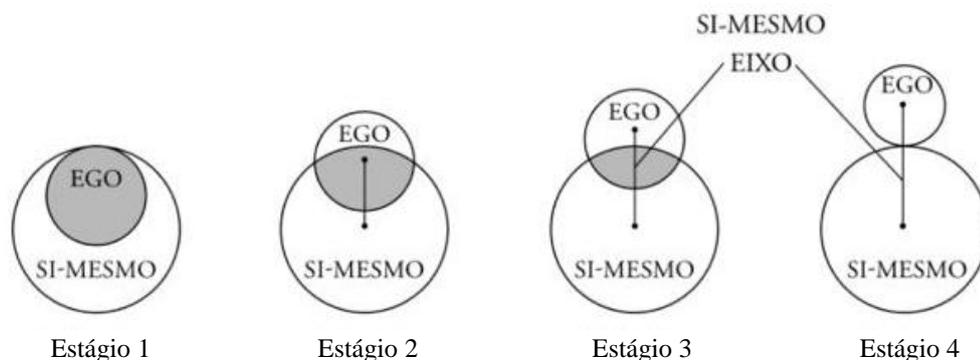
o arquétipo central ou o arquétipo da totalidade, atuando como o centro de organização e integração da psique consciente e inconsciente que, capaz de conciliar todos os opostos, se constitui da nossa própria personalidade (JUNG, 2015a).

O Si-mesmo representa a máxima autoridade psíquica, mantendo o ego, centro da personalidade consciente, sob seu controle. Ele constitui uma existência anterior à qual o ego se desenvolve, existindo e operando independentemente, embora, paradoxalmente, dependa dele para ser reconhecido como uma realidade simbólica (JUNG, 2015a).

Essa intermediação se manifesta apenas quando o ego conscientemente abdica do controle absoluto, tornando-se uma ponte para o inconsciente. Essa abertura gera insights e, gradualmente, revela conteúdos simbólicos, conduzindo o ego a uma compreensão mais profunda de sua própria realidade (JUNG, 2012; MELO, 2018).

Muitos aspectos do desenvolvimento psicológico podem ser compreendidos como mudanças na dinâmica existente entre o ego e o Si-mesmo, caracterizado pela coexistência de dois processos interligados: a progressiva separação entre o ego e o Si-mesmo e uma crescente consciência em relação ao eixo ego-Si-mesmo, em um processo contínuo que perdura durante toda a vida do indivíduo (EDINGER, 2020).

Os processos podem ser representados por meio dos seguintes diagramas, com base em estudos conduzidos por Edward Edinger, médico psiquiatra, analista junguiano e escritor norte-americano, que fundamentou suas pesquisas em autores como Erich Neumann, um dos discípulos mais talentosos de Jung, e Michael Fordham, médico psiquiatra infantil e analista junguiano renomado.



Fonte: Adaptado de Edinger (2020, p. 21).

No Estágio 1, o ego e o Si-mesmo são retratados como indistinguíveis, sugerindo que o ego não existe como uma entidade separada. No Estágio 2, emerge um ego distinto que gradualmente se distancia do Si-mesmo, embora ainda compartilhe seu centro e área predominante. No Estágio 3, o eixo ego-Si-mesmo, anteriormente inconsciente e indistinguível, torna-se parcialmente consciente. As partes sombreadas do ego indicam a presença da identidade ego-Si-mesmo remanescente, enquanto a linha que conecta o centro do ego ao centro do Si-mesmo simboliza o eixo ego-Si-mesmo, responsável por unir o ego ao Si-mesmo e garantir sua integridade, em uma dinâmica dialética entre ambos. No Estágio 4, ocorre uma completa separação entre o ego e o Si-mesmo, acompanhada por uma plena consciência do eixo ego-Si-mesmo (EDINGER, 2020).

Nos estágios iniciais – Estágio 1 e Estágio 2 – que correspondem aproximadamente à fase que antecede a maturidade, o ciclo se revela como uma alternância entre dois estados do ser: inflação e alienação (EDINGER, 2020).

Ao considerar esses estados como dualidades arquetípicas, uma espécie de força primordial se apossa da psique e a impulsiona a transcender os limites do homem, resultando em excessos, inflação, compulsões, ilusões ou comoções, tanto no âmbito positivo quanto negativo (JUNG, 2013a), a serem enfatizados na análise do narcisismo.

Edinger (2020) utiliza o termo "inflação" para descrever a atitude e o estado que surgem quando o ego⁴ se identifica com o Si-mesmo. Em outras palavras, se refere a um estágio no qual o ego, que possui dimensões limitadas, atribui a si características de algo mais amplo, o Si-mesmo, transcendendo seus próprios limites.

Embora Jung não tenha abordado explicitamente o narcisismo, podemos interpretá-lo com base na concepção de Edinger e em suas próprias palavras ao descrever o estado de inflação:

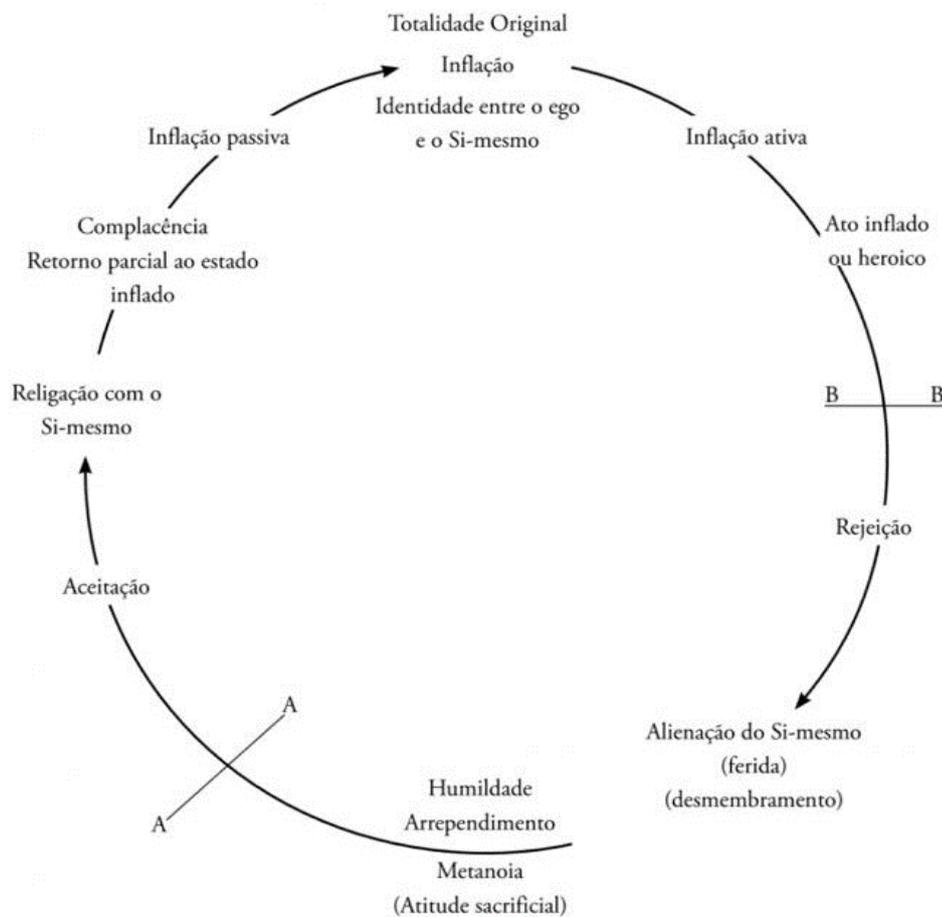
[...] o estado a que nos referimos envolve uma “expansão da personalidade” além dos limites individuais ou, em outras palavras, uma presunção. Em tal estado, a pessoa ocupa um espaço que normalmente não pode preencher. Isto só seria possível se ela se apoderasse de conteúdos e qualidades autônomos e que por isso mesmo ultrapassam seus limites. O que nos ultrapassa pertence a outro, a todos ou a ninguém (JUNG, 2015a, p. 32).

⁴ O ego reconfigura sutilmente seu sentido de identidade ao identificar-se com estruturas de complexos, também conhecidas como padrões de relação com o objeto, relativamente estáveis. Conforme ele se identifica com essas estruturas de complexos, o núcleo do ego adquire uma estrutura "de-para". Como resultado, o ego propriamente dito, que se manifesta como um centro de subjetividade fundamentado no arquétipo do Si-mesmo, passa a conferir uma importância primordial à sua própria imagem. Disponível em: HALL, J. A. **A experiência Junguiana: conceitos fundamentais sobre análise clínica e o processo de individuação**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

O estado inflado, quando produtivo, eventualmente cede e leva à alienação. Durante o estado de alienação, o ego não apenas deixa de se identificar com o Si-mesmo, o que é desejável, mas também se distancia dele, e assim se mantém, o que é indesejável. Da mesma forma, a alienação, em circunstâncias normais, leva a um processo de cura e renovação pois, embora seja uma experiência arquetípica, ela se apresenta como um estágio necessário em direção à consciência do Si-mesmo (EDINGER, 2020).

O processo de desdobramento desses estágios se configura como um ciclo alternado, em uma sequência de atos inflados ou heróicos, seguidos por rejeição, alienação, arrependimento, restituição e inflação renovada, como ilustrado na Figura 2 (EDINGER, 2020).

Figura 2 — O ciclo da vida psíquica



Fonte: Edinger (2020⁵, p. 60).

⁵ A e B representam os pontos onde a interrupção do ciclo de desenvolvimento da personalidade pode ocorrer, enfatizando a importância das relações familiares iniciais no processo de formação da personalidade. Durante a infância, a conexão entre a criança e o Si-mesmo se assemelha consideravelmente à relação entre a criança e seus pais. Portanto, se houver dificuldades nesse relacionamento, a ligação da criança com seu centro interno também

À medida que esse ciclo se repete ao longo do desenvolvimento psíquico, ele conduz a uma diferenciação entre o ego e o Si-mesmo, por vezes conscientes, contribuindo para a construção da consciência (EDINGER, 2020). A consciência individualizada do ego surge do Si-mesmo; é ele que, onipresente e em última instância, influencia nossas relações humanas, desde que o ego consciente seja capaz de identificar suas projeções irreais e abordá-las internamente, não externamente (HENDERSON, 1964; VON FRANZ, 1964).

O ciclo contínuo de inflação e alienação é superado à medida que o processo de individuação ocorre, revelando a consciência da realidade do eixo ego-Si-mesmo (EDINGER, 2020). Esse processo implica que o ego reconheça o Si-mesmo como uma entidade interna e superior a ele, uma vez que, quando o ego ainda não está completamente diferenciado, ele tende a se identificar com a grandiosidade e a onipotência intrínsecas ao Si-mesmo, estágio inerente ao desenvolvimento (JUNG, 2015a).

Em situações em que o ego não o reconhece, como podemos interpretar no narcisismo, o ego precisa constantemente retroceder para restabelecer sua conexão com o Si-mesmo, de modo a preservar sua saúde psíquica (HENDERSON, 1964). Este processo, a ser a individuação, “parte naturalmente do pressuposto de que o homem é capaz de atingir sua totalidade, isto é, de que pode curar-se” (JUNG, 2013a, p. 129).

A individuação, simultânea ao desenvolvimento da consciência, resulta em uma expansão do campo da consciência e da psique consciente, de maneira espontânea e inconsciente, permitindo a conscientização da própria individualidade como instrumento de autorrealização (JUNG, 2011b; VON FRANZ, 1964):

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio Si-mesmo. Podemos pois traduzir “individuação” como “tornar-se Si-mesmo” (Verselbstung) ou “o realizar-se do Si-mesmo” (Selbstverwirklichung) (JUNG, 2015a, p. 66).

A busca pela individuação cria um estado no qual o ego interage com o Si-mesmo, sem estar identificado a ele, promovendo um contínuo diálogo entre o ego e o inconsciente (EDINGER, 2020). Este processo representa uma vivência individual que envolve um grande investimento libidinal, a ser função transcendente, cujo sentido e meta são a realização da personalidade original, ou seja, “o estabelecimento e o florescimento da totalidade originária, potencial” (JUNG, 2013a, p. 129).

Tal manifestação de energia é produzida arquetipicamente pela tensão entre os opostos, como o real e o imaginário, o racional e o irracional, sobre uma lacuna entre o consciente e o inconsciente (JUNG, 2013a). Nela, imagens, sentidos e significados emergem do inconsciente impulsionados pelos processos compensatórios de autorregulação psíquica, visando à integração e síntese entre o consciente e o inconsciente, resultando na formação de uma nova consciência, que equivale a uma nova percepção da realidade (PÁDUA, 2017).

A dualidade entre o consciente e inconsciente é substituída por um senso de realidade e as imagens e os atributos do Si-mesmo passam a ser percebidos como distintos do ego e situados em um plano superior. Desta forma, o indivíduo toma consciência de uma orientação interna autônoma, separada do ego e, frequentemente, contrária a ele (EDINGER, 2020).

Conforme ocorre o processo de diferenciação psíquica, o indivíduo “pode alcançar sua mais elevada finalidade, a plena realização das potencialidades do Self” (VON FRANZ, 1964, p. 151), em consonância com a dinâmica da psique e sua energia psíquica, que flui em busca de equilíbrio, estabelecendo uma relação construtiva de causalidade e propósito (MELO, 2018; VON FRANZ, 1964).

3.3 A representação simbólica do eixo ego-Si-mesmo no processo de individuação a partir do mito de Narciso

Nas raízes arquetípicas vividamente retratadas na mitologia, Narciso, como um arquétipo do herói, inicia sua trajetória como um indivíduo comum e torna-se uma figura lendária, deixando um legado que continua a exercer profunda influência na cultura e na mitologia.

Na narrativa, essa trajetória tem início com Liríope, uma náiade⁶. Divindade associada ao nascimento, sobretudo ao nascimento de heróis (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001), personifica a morte de tudo o que morre (CAMPBELL, 1997).

Após consultar Tirésias e receber a profecia de que Narciso teria uma vida longa e uma velhice prolongada se ele não se conhecesse, todas as fases de sua vida foram moldadas por essa previsão, desde o seu nascimento até a sua morte, em um processo de autoalienação desencadeado pelo medo de que Liríope pudesse perder seu filho.

Narciso, ao tomar-se como total e completo, demonstrado em sua rude soberba e desprezo pelas ninfas e jovens que o desejavam, centralizou sua própria existência. Interpretado

⁶ As náiades são ninfas associadas ao elemento líquido, divindades que têm sua morada nas nascentes e cursos de água. Disponível em: PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2022.

como uma representação simbólica da dinâmica entre o ego e o Si-mesmo, evidencia um estado de identidade egóica propenso a resultar em um ego inflado, uma vez que seu ego ainda não estabeleceu uma verdadeira conexão com o Si-mesmo e não alcançou a diferenciação necessária para direcionar eficazmente sua energia vital.

O herói mitológico é atraído e conduzido ao limiar da aventura em resposta ao apelo de um dos seus desprezados. Enquanto caminha sem rumo pelos campos, ele personifica a dualidade entre o inferno, um local de constantes metamorfoses, e o paraíso, um centro inabalável que serve como o ponto de conexão entre o céu e a terra, nesse contexto, consciente e inconsciente (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Eco, ainda que coadjuvante, reflete a sombra de Narciso. A sombra é o arquétipo que representa a faceta "negativa" da personalidade, englobando as características ocultas e desfavoráveis, as funções subdesenvolvidas e os conteúdos do inconsciente pessoal (JUNG, 2013a). De forma metafórica, ela personifica a totalidade do conhecimento alcançável (CAMPBELL, 1997), sendo ela a guia que o conduz em direção ao desconhecido e à função transcendente.

O local que atrai Narciso, desconhecido, marca o início do processo de individuação. Regiões desconhecidas e territórios inexplorados proporcionam um amplo campo para a projeção de conteúdos inconscientes. A fonte, isolada e intocada, representa a origem da vida, do aprendizado, e é arquetipicamente simbolizada como a raiz da vida interior e da energia espiritual; o Si-mesmo que permanece isolado e intocado por Narciso (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

A água, símbolo das energias inconscientes, do desconhecido e secreto, assume três interpretações: i) enquanto fonte de vida, personificada por Liríope, uma náiade, e Céfiso, o deus-rio; ii) como meio de purificação, evidenciado na regressão de Narciso ao fixar-se em sua própria imagem e na desintegração quando ele percebe que não pode possuí-la; e iii) como centro de transformação, marcando a morte simbólica do ego, que, por sua vez, abre caminho para a reintegração e renovação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

Narciso, ao contemplar sua imagem refletida, anseia pela união consigo mesmo, uma vez que seu ego não reconhece o Si-mesmo como a máxima autoridade psíquica. Esse reflexo age como uma prisão para o Si-mesmo, destacando o ego em sua grandiosidade que age alheio às dimensões mais amplas da existência, incluindo a satisfação de necessidades básicas como alimentação e repouso.

O reflexo pode ser interpretado como um símbolo de sabedoria e conhecimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Reconhecer-se no próprio reflexo representa

simbolicamente o processo de individuação, permitindo que Narciso integre diferentes aspectos de sua própria identidade.

Consumido pelo fogo, rito iniciático de morte e renascimento, na qualidade de um elemento que incinera e devora, assume uma representação simbólica de purificação e renovação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001). Narciso não apenas define e se dissolve; ele se integra. O ego se dissolve em sua grandiosidade associada ao Si-mesmo, transcendente aos seus próprios limites e estabelece o eixo ego-Si-mesmo, assegurando sua integridade.

Esse movimento é intensificado ao ser recebido no inferno, pois, na simbologia, as profundezas subterrâneas representam as ricas jazidas, o cenário de metamorfoses, das passagens da morte para a vida e do processo de renovação (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

É a morte simbólica do ego inflado, uma espécie de retorno temporário ao inconsciente, seguido pelo seu renascimento a partir do próprio inconsciente, que o ego passa a ser percebido como distinto do Si-mesmo e situado em um plano inferior, reconhecendo-o como a totalidade da psique.

O êxito de Narciso se revela na expansão da sua consciência, o que, por consequência, impulsiona o desenvolvimento de seu ser, à medida que ele prossegue em seu processo de individuação, contemplando a si mesmo nas águas do rio Estige.

A flor que emerge no lugar de seu corpo, realisticamente de coroa central dourada e pétalas brancas ao seu redor, é uma representação arquetípica da alma, funcionando como centro espiritual e caminho para a autodescoberta e o desenvolvimento pessoal (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

O dourado, a mais ardente das cores, que em forma de uma coroa simboliza o feito heróico realizado, é símbolo de identificação e, de acordo com Jung (1927 apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001) representa o grau mais elevado de evolução espiritual.

Esta cor se une ao branco, que evoca a ideia de passagem, e juntas desencadeiam as transformações de Narciso, seguindo o padrão clássico de toda iniciação: a morte e o renascimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001).

4 A DINÂMICA PLURALISTA DA PSIQUE E SUA RELEVÂNCIA NA ANÁLISE DOS FENÔMENOS PSICOPATOLÓGICOS DO NARCISISMO

Neste capítulo, por meio da perspectiva psicogênica da Psicologia Analítica Junguiana, buscou-se compreender os fenômenos psicopatológicos presentes no pluralismo e dinamismo inerentes à psique, cujo foco central é desmistificar, de forma sistemática e patológica, as concepções predominantemente influenciadas pela perspectiva psiquiátrica, a fim de estabelecer novos sentidos que proporcionem uma compreensão ampla e integrativa da alma humana.

4.1 A integração das estruturas psíquicas e o rompimento com a desmistificação patológica

Freud, ao explorar o mito de Narciso, introduziu o conceito de narcisismo como uma atitude autoerótica, estabelecendo uma relação disfuncional e inadequada para com o objeto, influenciando padrões de comportamento, dinâmicas psíquicas e implicações (PIERI, 2002; JUNG, 1987).

Seu método terapêutico redutivo, embora revolucionário em sua época, é atualmente considerado uma abordagem problemática. Essa abordagem médico-psicológica parte da premissa de que pacientes neuróticos reprimem certos conteúdos psíquicos devido à sua incompatibilidade com a consciência que, analisados sob uma perspectiva moral⁷, são percebidos como negativos, a citar a sexualidade infantil, obscenidades e comportamentos criminosos (JUNG, 1987).

O paciente vivencia esse método de maneira crítica e depreciativa, já que uma interpretação que reduz um conteúdo psíquico às suas origens infantis é interpretada como uma negação do significado consciente, gerando sentimentos de desvalorização e rejeição por parte do paciente (EDINGER, 2020).

Além disso, faz-se necessário reconhecer que a sexualidade transcende as limitações impostas pelas convenções de uma sociedade conservadora que influenciaram as teorias de Freud (ELIADE, 1991).

⁷ O impacto do materialismo científico, que dominou as mentes no final do século XIX, também deixou sua marca na medicina, especialmente na teoria psiquiátrica. A explicação anteriormente prevalente de natureza metafísica caiu em descrédito devido às suas numerosas falhas, a ponto de desvalorizar a perspectiva psicológica. Assim, nas primeiras décadas do século XIX, a psiquiatria substituiu a explicação metafísica da natureza por teorias de etiologia moral, interpretando as doenças mentais como resultados de transgressões morais. Disponível em: JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015b.

Historicamente, com exceção do mundo moderno, a sexualidade sempre foi considerada uma hierofania, uma manifestação do divino, na qual o ato sexual era percebido como um ato integral e um meio de conhecimento e conexão com o universo em sua totalidade. Logo, traduzir uma situação psíquica em termos sexuais não implica, de maneira alguma, um ato de humilhação (ELIADE, 1991).

No que tange à sociedade ocidental moderna, o narcisismo se fundamenta na psicopatologia, moldada pelo discurso materialista científico de causalidade. Aceitável do ponto de vista ético, busca-se explicar e compreender o fenômeno por meio de abordagens causais, reduzida analiticamente a princípios gerais ou à sua causa (JUNG, 2015b).

Essa perspectiva se reflete na crença de que "as doenças mentais são doenças cerebrais" (JUNG, 2015b, p. 195). De forma análoga à Medicina Orgânica, a Medicina Psiquiátrica empenhou-se na busca pela essência das doenças por meio da análise dos sintomas e da categorização dos sinais distintivos que as caracterizam, em uma nosografia na qual as próprias formas das doenças eram examinadas, as etapas de sua progressão eram descritas e todas as variações possíveis eram detalhadas e registradas (FOUCAULT, 1975).

Em sua essência, quando não se ocupa às questões de diagnóstico e classificação, a Psiquiatria tende a rejeitar qualquer relação causal que não seja de natureza física, relegando o papel da etiologia psicológica a uma função secundária e auxiliar, desconsiderando sua influência não por negligência, mas devido a uma tendência de desvalorizar seu impacto (JUNG, 2015b).

Entretanto, uma condição só é legitimamente considerada uma doença quando se alinha com as normas de uma cultura que a reconhece como tal, conferindo-lhe validade. Desta forma, o homem só se tornou uma espécie suscetível de análise psicológica a partir do momento em que sua relação com a loucura passou a ser delineada pela dimensão externa da exclusão e punição, bem como pela dimensão interna da responsabilidade moral e culpa (FOUCAULT, 1975).

Convictos de que existe uma explicação para tudo, há um notável contraste entre aqueles que firmemente acreditam em uma explicação puramente materialista, descartando qualquer outra interpretação da realidade como mera superstição primitiva, e aqueles que veem o materialismo como algo frio e impessoal.

Jung nos proporciona uma abordagem que alcançou profundidades até então inexploradas de maneira sistemática, e, como resultado, possibilitou identificar padrões refletidos nas criações culturais da humanidade, sejam elas mitos, religiões, filosofias, obras de arte ou literatura (EDINGER, 2020).

Fruto de suas interações com pacientes e de sua profunda introspecção, desenvolveu uma perspectiva integrativa que revela a natureza da psique e a complexa fenomenologia que a permeia, preservando a singularidade de cada indivíduo, ainda que tenha estabelecido uma associação explícita entre o narcisismo e uma maneira/forma particular de manifestação da energia psíquica (PIERI, 2002).

Confrontando o método redutivo e de causalidade, para Jung, qualquer pessoa que cultive a sua própria maneira de ser pode ser considerada um narcisista (JUNG, 1987). Essa perspectiva é claramente reconhecida em relação ao estilo de pensamento oriental, que contrasta com o pensamento ocidental, onde a introspecção, “à moda oriental”, frequentemente é encarada como algo atípico, patológico e inaceitável (PIERI, 2002).

Fundamentado na psicogênese, que se refere à ideia de que a causa primordial de uma neurose, ou o contexto em que ela emerge, é de origem psíquica, podendo resultar de um trauma psíquico, um conflito desgastante, uma adaptação psíquica errônea ou uma crença ilusória (JUNG, 2015b), Jung concebe seu método como construtivo.

O método construtivo não tem como objetivo criar uma teoria científica convencional; em vez disso, ele se concentra na definição de um caminho de desenvolvimento psicológico. Partindo do pressuposto de que "vivenciamos de alguma maneira em nós e através de nós" (JUNG, 2015b, p. 160), devemos também considerar a psique como um processo em constante evolução, um devir, que só pode ser compreendido de modo sintético e construtivo (JUNG, 2015b).

Jung questiona a noção proposta pelo método redutivo de que o processo de formação de fantasias pode ser simplesmente reduzido a uma representação simbólica dos desejos infantis ou à ilusão persistente e patológica de superioridade, ao fornecer uma explicação definitiva (JUNG, 2015b).

Da mesma forma, contesta o método causal por não atingir os princípios universais da Psicologia, já que se limita a analisar e reduzir os eventos individuais em uma compreensão retrospectiva, investigando apenas o desenvolvimento da psique até sua forma atual (JUNG, 2015b).

O método construtivo não se caracteriza como infantil ou patológico, mas como subjetivo e prospectivo, estabelecendo uma ligação entre a psique e seu futuro, considerando que todo conhecimento é inerentemente influenciado pela subjetividade, onde se questiona o valor de ambas metodologias (JUNG, 2015b).

O indivíduo é uma realidade única, e como tal, tudo que é humano é relativo, já que se baseia em uma oposição interna de contrários, constituindo um fenômeno energético (JUNG,

1964; JUNG, 2013a). A psique, a cada momento, é resultado e culminação de tudo o que foi, sob uma perspectiva causal, e expressão do que está por vir, pois, qualquer estipulação excessivamente restrita e unilateral aniquila a vida da psique (JACOBI, 2017; JUNG, 2015b).

Portanto, a abordagem construtiva desenvolve um entendimento mais complexo e elevado, e, por sua natureza, requer especulação. Isso se alinha à perspectiva de Campbell (1997), que alega que cada indivíduo carrega a totalidade dentro de si e, portanto, é possível encontra-la e desvenda-la internamente; ecoando o princípio fundamental de Jung, “só aquilo que somos realmente tem o poder de curar-nos” (JUNG, 2015a, p. 60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da emblemática figura de Narciso e de sua profunda relevância no contexto do conceito de narcisismo, nos deparamos com uma narrativa que personifica o profundo apreço da cultura greco-romana pela transformação. Ressoando em reflexões e obras artísticas contemporâneas, nos conduz a considerar a interação entre a mente humana e a herança cultural que, na função de integração psíquica, pode influenciar nossa compreensão acerca das psicopatologias contemporâneas.

É notável que os estudos e observações clínicas realizados pela Psicanálise, ao incorporar o mito de Narciso ao seu discurso científico, revelam uma complexidade de significados e interpretações. Especialmente no que diz respeito à formação do ego e às escolhas objetais em uma atitude autoerótica, essas abordagens não podem ser rigidamente definidas como verdades absolutas; elas representam, apenas uma das várias interpretações que se referem ao fenômeno do narcisismo.

Nesse sentido, a Psicanálise adota uma metodologia científica que se assemelha ao materialismo científico, uma vez que contribuiu significativamente na consolidação do Transtorno de Personalidade Narcisista, quadro associado à uma psicopatologia e analisado com base em métodos causais.

Embora sua sistematização em critérios diagnósticos seja útil para a comunicação e compreensão entre profissionais, bem como para o avanço do conhecimento científico, muitas vezes nos conduz ao hábito de buscar incessantemente causas puramente materiais e a considerar essas descobertas como suficientes. Entretanto, o ato de descrever e limitar a vivência psicopatológica em diagnósticos não nos aproxima da realidade do indivíduo, tampouco de sua subjetividade.

As dimensões psicopatológicas não podem, portanto, ser reprimidas a partir de uma explicação ou redução que se origine de uma perspectiva externa. Elas devem ser compreendidas na interna e complexa relação que o homem ocidental estabelece consigo mesmo, onde ele detém sua verdade interior, despojada de todo conhecimento e consciência exterior.

A Psicologia Analítica Junguiana é uma abordagem que desafia a visão puramente científica. Ao invés de restringir a psique a análises retrospectivas e causalidades rigidamente definidas, ela reconhece a complexidade da experiência humana e a riqueza da psique, sugerindo uma maneira de compreendê-la que transcende o intelecto e a lógica.

Adotando uma metodologia construtiva e psicogênica, ampla e integrativa, respeita e valoriza a singularidade de cada indivíduo, fazendo-nos perceber que a psique não é apenas moldada por experiências pessoais, ela também incorpora uma dimensão pré-individual.

O conceito de inconsciente coletivo, embora possa parecer primitivo, é uma tentativa de descrever com precisão o mundo interior da psique e sua conexão com o mundo material externo, enriquecendo nosso entendimento para abranger os aspectos arquetípicos do inconsciente, os quais se manifestam em uma ampla gama de representações herdadas.

Esse é o processo do processo de individuação: encontrar uma conexão pessoal com imagens, sentimentos e comportamentos arquetípicos, visando a autorrealização e a plena realização das potencialidades do Si-mesmo, sinônimo de plenitude e integridade, não de perfeição.

A busca e a subsequente perda da verdade são o que o indivíduo vivencia na Psicologia. Em seu dualismo, o estado de inflação e alienação aspira à unificação, reconciliação, cura ou a tornar-se uma totalidade, aquilo que de fato é.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders, fifth edition, text revision**. 5. ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2022.
- ARAÚJO, M. das G. Considerações sobre o narcisismo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 1, n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- EDINGER, E. F. **Ego e arquétipo: Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2020.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Tradução de Sonia Cristina Tamer. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FOUCAULT, M. **Doença mental e Psicologia**. Tradução de Lilian Rose Shalders. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HALL, J. A. **A experiência junguiana: Conceitos fundamentais sobre análise clínica e o processo de individuação**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.
- HAMILTON, E. **Mitologia: Contos imortais de deuses e heróis**. Tradução de Fernanda Abreu. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
- HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, C. G. et al. **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 100-153.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Tradução de Milton Camargo Mota. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

JUNG, C. G. **A energia psíquica**. Tradução de Maria Luiza Appy. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c, 142 p.

_____. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Tradução de Maria Luiza Appy. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

_____. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução de Maria de Moraes Barros. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **O Eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 27. ed. São Paulo: Vozes, 2015a.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Psicogênese das doenças mentais**. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015b.

_____. **Psicologia do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. 24. ed. São Paulo: Vozes, 2013a.

_____. **Psicologia e religião ocidental e oriental**. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 11. ed. São Paulo: Vozes, 2012.

_____. **Símbolos da transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. Tradução de Eva Stern. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.

_____. **Tipos psicológicos**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. São Paulo: Vozes, 2011b.

_____. **Chegando ao inconsciente**. In: JUNG, C. G. et al. **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 16-99.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELO, A. M. S. T. de. **Narciso imagem: Uma contribuição para a compreensão do processo de individuação a partir da dinâmica arquetípica**. 2018. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

MONTELLANO, R. M. P. Transtornos de la Personalidad Narcisista. In: LAUREIRO, M. E. S. (Coord.). **Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica: Una perspectiva junguiana de integración en psicopatología y clínica analítica**. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana, 2006. p. 189-200.

NEVES, L. T. Narcisismo: Segundo Heinz Kohut e a intersubjetividade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 57-68, set. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2014000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mai. 2023.

OVÍDIO. **As metamorfoses**. Tradução de David Gomes Jardim Júnior. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

PÁDUA, E. S. P. de. **O conceito de psicopatologia na escola clássica e na escola desenvolvimentista da Psicologia Analítica**. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PEIXOTO, G. F.; LUCONI, E. B. O mito de Narciso: A dualidade da psique em uma reflexão da psicologia analítica. In: TODESCHINI, C. B. S. (Org.). **Ao encontro de Jung**. Porto Alegre: Fi, 2019. p. 39-49.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. Tradução de Ivo Storniolo. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBINI, R. Feridas psíquicas, Jung e o narcisismo. **Revista Junguiana**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 41-56, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010308252020000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SANTOS, A. F. dos. A psicopatologia em Carl. G. Jung: Contribuições da psicopatologia simbólica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 77-90, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/psicopatologia-simbolica#>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SEGAL, R. A. Freudian and Jungian approaches to myth: The similarities. In: BURNETT, L. et al. **Myth, literature, and the unconscious**. 1. ed. Abingdon: Routledge, 2013. p. 101-119.

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. et al. **O homem e seus símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 154-224.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.